

REVISTA ADVENTISTA

Órgão Oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Dezembro de 1997



Natal:
O Início de um Caminho

Natal...

Fátima Matos

Natal é época de amor,
da família reunida
junto à lareira
desfrutando a amizade e o carinho
entre irmãos.

Natal das crianças,
da árvore de Natal,
do Presépio,
enfim, tudo é festa e alegria.

Mas sabes, Senhor,
ninguém se lembra que neste dia,
há quase 2000 anos,
tu vieste ao mundo;

vieste trazer amor,
mas a humanidade não Te ama.

Vieste trazer paz,
mas os homens fazem guerra.

Vieste pregar a palavra da
verdade,

mas o mundo não Te ouviu.
Por isso os homens não se
entendem

e o mundo chora de
tristeza,

porque não se lembra
que o Natal é todos os
dias

e o presépio é Jesus
a renascer no nosso
coração.

E quando Jesus está no
nosso coração,
é sempre dia de Natal.

REVISTA ADVENTISTA

Dezembro de 1997



19

Natal:

O Início de um Caminho

8

A Minha Foto com Deus

Ele leva a minha foto marcada nas Suas mãos.

17

Cuidado com o Boomerang!

Certamente que recitar as falhas do seu antecessor não lhe angariaria apoio.

22

José, o Cristão Número Um

E José creu.



4

Editorial

“Viver o Poder da Sua Palavra”

REVISTA
ADVENTISTA

ANO LVII — Nº 607
DEZEMBRO DE 1997

PUBLICAÇÃO MENSAL

Órgão Informativo da Igreja Adventista do
Sétimo Dia em Portugal.

DIRECTOR: Mário Brito

CORPO DE REDACÇÃO: Mário Brito, Maria Augusta Lopes, Ezequiel Quintino

PROGRAMAÇÃO VISUAL:
Raquel B. Monteiro

PROPRIETÁRIA E EDITORA:
Publicadora Atlântico, S.A.

REDACÇÃO:
Rua Nossa Senhora da Piedade
Sabugo
2715 Almargem do Bispo

ADMINISTRAÇÃO:
Rua Nossa Senhora da Piedade
Sabugo
2715 Almargem do Bispo

Serviço de Assinaturas:

Rua Nossa Senhora da Piedade
Sabugo
2715 Almargem do Bispo
Tel.: 9626200 FAX: 9626201

PREÇOS:

Assinatura Anual 1500\$00
Número Avulso 150\$00

Serviço de Cobranças:

Rua Nossa Senhora da Piedade
Sabugo
2715 Almargem do Bispo
Tel.: 9626200 FAX: 9626201

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Traveiro - Pedreiras
2480 - Porto de Mós
Telef.: (044) 402413
FAX: (044) 401575

A redacção reserva-se o direito de condensar, ressaltar ou adaptar os textos enviados para publicação, de acordo com as necessidades de espaço.

☪☪☪

“Aqui está a paciência dos santos: Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.” Apoc. 14:12

☪☪☪

Internet:
<http://www.arvore.pt/lasd>



Editorial

“Viver o Poder da Sua Palavra”

Dado o papel fundamental que a Palavra de Deus deve ocupar na vida dos crentes, a Conferência Geral propõe, para o ano de 1998, a todos os membros da Igreja Adventista, o seguinte lema: Viver o Poder da Sua Palavra.

Para a grande maioria dos teólogos contemporâneos, a Bíblia não é mais do que um conjunto de “sagas” – lendas antigas – que muitas vezes relevam mais do imaginário de quem as escreve do que propriamente da realidade.

Assim sendo, através de um conjunto de regras preconcebidas e impostas ao texto, o intérprete pode, finalmente, decodificar a mensagem que ele encerra.

Dentro os muitos conceitos subjacentes a estas regras encontram-se, pelo menos, dois que minam toda a confiança que a Palavra de Deus nos merece.

O primeiro desses conceitos rejeita liminarmente tudo o que seja metafísico. Por outras palavras, milagres não existem.

O segundo conceito, que nega a inspiração divina da Bíblia, diz que a Sagrada Escritura é a sobreposição de várias camadas de textos de diferentes épocas. O livro de Isaías, por exemplo, não foi escrito por um só autor mas por três autores distintos. Ainda segundo este conceito, o primeiro capítulo de Génesis foi escrito numa época e o segundo capítulo do mesmo livro só muitos anos mais tarde.

Estes e outros conceitos, pretensamente científicos, despojam a Bíblia de toda a sua força e autoridade advindas do facto de ela não representar meramente o pensamento e a criatividade humanos, mas sim a vontade revelada de Deus ao homem.

A Palavra de Deus é a regra pela qual todo o carácter deve ser aferido. Apenas a mesquinha insensatez humana pode pretender ser juiz da Palavra da Verdade.

Jesus, o Filho de Deus, citou sempre as Sagradas Escrituras como a regra última e autorizada em matéria de doutrina e de fé. Só quem nunca experimentou o Poder da Sua Palavra pode pretender que se trata de um mito.

Ellen White, no livro Educação, página 126, diz o seguinte: “A energia criadora que trouxe à existência os mundos, está na Palavra de Deus. Esta Palavra comunica poder, gera vida”.

No relato da criação, lemos: “...disse Deus... e assim foi”. É pelo poder da Sua Palavra que todas as coisas existem e subsistem. É pelo poder da Sua Palavra que fomos criados e somos recriados à Sua imagem e semelhança.

Porque não procurar, por nós mesmos, através do estudo e meditação da Palavra da Verdade, provar nas nossas próprias vidas o Seu poder criador e transformador?



Pr. Mário Brito
Presidente da União
Portuguesa dos Adventistas
do Sétimo Dia

Mário Brito

Vila do Conde

Viana do Castelo

9º Acampamento Internacional Amizade

100 Jovens representando as Sociedades de Jovens de Espanha e Portugal reuniram-se, de 11 a 13 de Julho, em Covas, Vila Nova da Cerveira, sob o tema Face a Face. A organização esteve a cargo da Direcção de Jovens de Viana do Castelo, com o Pr. Enoque Nunes como responsável e Olga Carvalhido e Elias Cunha como dirigentes.



Quatro preciosas almas na colheita temporã da NET97. Obrigado, Senhor, pelo Teu grandioso poder.



O Grupo Elienai, de Leiria, no momento de louvor na Cerimónia Baptismal.



As crianças no programa NET97.



Os irmãos de Vila do Conde desejam, com alegria, continuar a testemunhar a sua fé em Cristo: "O Senhor é a minha força e o meu cântico; Ele se tem tornado a minha salvação; é Ele o meu Deus, portanto O louvarei; é o Deus do meu pai, por isso O exaltarei" Exodo 15:2.



Actividades sociais



A dirigente local, Olga Carvalhido, com duas jovens, ladeadas pelo Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Covas, agradecem todo o apoio recebido desta entidade.



Actividades sociais



"A AMIZADE torna a prosperidade mais brilhante, ao mesmo tempo que ilumina a adversidade; partilhando-a, torna o seu fardo comum aos dois amigos" Marcus Tullius Cícero



Momentos lúdicos do acampamento



Delegação Espanhola



Tempo de partir... a fim de estar presente no 10º Acampamento Amizade

Aveiro

S. Mateus

Escola Cristã de Férias

Manuel de Matos

Na Cova do Paço, em casa da família Matos, a azáfama era uma constante, este Verão, tal como vem sendo habitual há já uns anos. Preparava-se a Escola Cristã de Férias.



As Irmãs Olímpia e Eugénia Monteiro voltaram a dar a sua colaboração - preciosa, aliás! Este ano, contávamos, ainda, com a ajuda de algumas jovens que, em tempos, passaram por este programa como alunas.

No dia 7 de Julho deu-se início ao programa e a média de 20 crianças foi-se mantendo, sempre com muita alegria - da parte delas e dos monitores. Duas das crianças continuavam a tradição dos seus pais que, eles próprios, tinham sido alunos desta Escola Cristã de Férias.

Devido ao entusiasmo que as crianças transmitiam nos seus lares, algumas mães mostraram-se interessadas no programa bíblico, que desta vez foi apresentado em vídeo.

No dia 18, dia em que terminou a Escola Cristã de férias, todos nós, cansados mas satisfeitos, concordámos que, embora trabalhoso, o cumprimento da missão a que nos propuseámos tinha valido a pena.

“Até aqui nos ajudou o Senhor”

Pr. Jorge Duarte

Não podemos deixar de assinalar as bênçãos que Jesus derramou sobre a Igreja de S. Mateus. O nosso trabalho de evangelização proporcionou, neste último ano de trabalho, três novas almas para o Senhor. Uma em Outubro do ano passado, no final de Net'96 e duas novas almas em Junho de 1997.

Este trabalho só foi possível com a determinação e coragem de toda a igreja e com a ajuda das Campanhas Net'96 e 97. Foram momentos inesquecíveis com mensagens tão importantes e tão necessárias para os nossos dias.

Nunca nos sentimos totalmente realizados com o que fica para trás, porque o resultado de uma campanha ou de uma jornada evangelística depende, em grande medida, da dedicação e do esforço que cada membro faz, para que a mesma seja um sucesso. Porém, se o resultado conse-



guido até aqui em S.Mateus é positivo, no futuro, poderá oferecer ainda mais motivos para dizermos: Até aqui nos ajudou o Senhor.

Um novo ano, muitas etapas para realizar!! Não só em S.Mateus mas em todas as outras igrejas de Portugal.

Deus deseja colocar o Seu forte potencial à disposição dos Seus filhos - obreiros e leigos. Façamos planos para que, no tempo que ainda nos resta e no ano que temos à nossa frente, não o gastemos resolvendo assuntos de pouco interesse, mas antes, lutando com todas as forças do Céu, para colocar em prática os planos de evangelização e métodos que Deus nos dará, a fim de alcançarmos as almas sedentas da verdade.

..... **Caldas da Rainha**

A Alegria do Baptismo

Pr. Manuel Garrido

Trata-se de uma cerimónia bem conhecida e repetida amiúde nas nossas congregações. Apesar disso, é sempre um momento diferente que procuramos realçar. Será sempre um hiato eufórico na vida da Igreja, todo ele indiciador duma alegria daqueles que, com raízes profundas no Evangelho, olham para o alargamento paulatino da “Casa do Senhor” com um coração agradecido.

Estamos perante o renovar constante duma experiência com Deus. Assistimos a uma decisão com o estímulo de mais duma década de pesquisa da Palavra do Senhor, caso da Ir. Alda Filipe Cruz, descida às águas no dia 17/5/97. Os próprios familiares, com a sua presença, não deixaram de ter um gesto de muita simpatia perante uma nova condição assumida.

Passadas três semanas, deu-se a entrega voluntariosa e adolescente da Salomé Alexandra Teixeira. Fica-nos, na retina e no ouvido, a experiência dramática da mãe da sempre sorridente Salomé, ocorrida 15 anos antes, por ocasião do brutal



atropelamento ocorrido no dia do nascimento desta jovem. Estava um estival mês de Junho de 1982. Uma viatura apressada, um descuido qualquer... a mãe, Ir. Maria de Jesus, ficaria com marcas para toda a vida, mas a pequenina Salomé nasceria sem quaisquer problemas.

Volvidos precisamente 15 anos, a festa da vida, para uma vida que não será sempre de festa, mas de responsabilidade com Deus. Uma moldura condigna, e muito jovem, tinha a congregação das Caldas da



Rainha naquela tarde de 7/6/97. A juventude da igreja de Alvalade, coincidentemente (ou talvez não?), estava ali para nos ajudar a abrilhantar todas as sequências.

Com o brilho próprio da programação do Departamento Nacional de Jovens, sob os auspícios e orientação da dedicada Isabel Miranda, correu toda uma salutar jornada de confraternização e louvor. Bem hajam!

Foi muito bom ter estado aqui... porque a presença do Senhor se fez sentir.

OPERAÇÃO INTERCESSÃO

4º Trimestre 1997

1. Missão Global
2. Trabalho na União Angolana

População:	11.630.200
Igrejas:	577
Membros:	136.658
3. Trabalho dos Evangelistas
Leigos da Divisão Euro-Africana

Dias e Ofertas Especiais do Mês de Janeiro

- * Ênfase sobre a mensagem e a missão 3
- * Campanha em favor da liberdade religiosa 13-17
- * Dia da Liberdade Religiosa - Oferta da União 17
- * Dia médico-missionário 24

OPERAÇÃO INTERCESSÃO

1º Trimestre 1998

1. Missão Global
2. Trabalho na União Moçambicana

População:	17.400.000
Igrejas:	768
Membros:	112.152
3. Pela Clínica "La Lignière" e pelo Hospital Walfriede (Berlim)

COME TO NEWBOLD

English Language Courses

Winter Term	5 January - 13 March 1998
Spring Term	30 March - 12 June 1998
Summer School	25 June - 22 July 1998
Autumn Term	21 September - 3 December 1998

WRITE NOW TO:
Director of Admissions, ATTN:50E975, Newbold College,
Bracknell, Berks RG42 4AN, England
Tel +44 1344 54607 Fax +44 1344 861692
email: admissions@newbold.co.uk

A VIAGEM

Bem no fundo do meu subconsciente estava a resposta à minha própria pergunta.

Timothy K. Miller

Pastor da Igreja de Bartlesville, Oklahoma

O meu coração batia tão forte que olhei à minha volta para ver se mais alguém o podia ouvir.

Estávamos num seminário chamado Doutrina de Cristo e tinha chegado a altura das perguntas-e-respostas. Todos os olhares estavam presos ao professor que andava para a frente e para trás junto à secretária. *Como um tigre na jaula*, pensei. Eu queria guardar a minha pergunta só para mim, mas algo me fez levantar a mão.

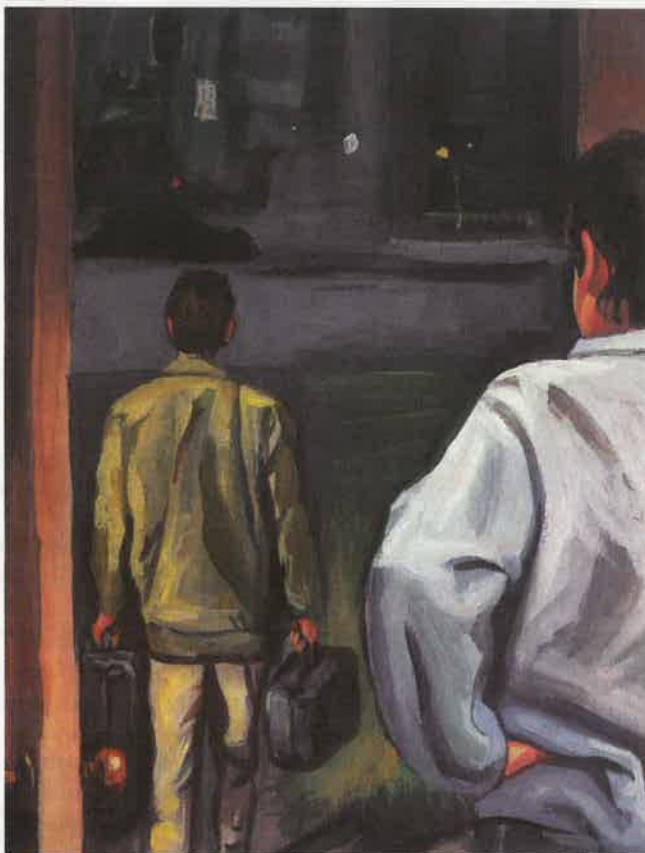
Tínhamos estudado todos os aspectos relativos à natureza de Cristo, e eu mantivera-me relativamente silencioso.

Mas, quando a discussão se voltou para a cruz, eu estava determinado a compreender alguma coisa do mistério que me perseguia há anos. O que é que tinha acontecido à divindade de Cristo quando Ele morreu na cruz?

Quando o professor acenou na direcção da minha mão, a pergunta pareceu saltar da minha boca. Mas, com a pergunta, veio também uma sugestão que até a mim apanhou de surpresa: “Será possível que a Divindade tenha morrido na cruz?”

Silêncio!

O silêncio que se seguiu foi notório e imediato. O professor fez uma pausa. Com passos vagarosos dirigiu-se à minha carteira e baixou-se até que a sua cara ficou ao nível da minha. Numa resposta ainda mais directa que a pergunta, disse: “Se tivesses



lido o que te mandei, saberias que a Divindade não podia ter morrido.”

Havia a sombra de um sorriso no seu rosto, quando falou, mas senti o calor subir-me à cara. Permaneci calado enquanto o tigre se afastava e devorava a pergunta e o inquiridor seguinte.

Eu tinha lido o texto. Cria, sem sombra de dúvida, que Jesus era humano, “tentado em tudo como nós, mas sem pecado” (Heb. 4:15). Também acreditava que Ele era Deus, o único “EU SOU” (ver João 8:57, 58). Embora crendo firmemente nestas duas realidades, eu sabia que Ele tinha realmente morrido. “Mas Deus mostrou-nos até que ponto nos ama, pois quando ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós” (Rom. 5:8).

Então, o que é que tinha acontecido à divindade de Jesus quando Ele morreu na cruz?

Ao voltar a fazer a mim próprio esta pergunta e ao lembrar-me da humilhação por que tinha passado, uma outra pergunta se insinuou na minha mente. Que diferença fazia que a Divindade não pudesse morrer? Tem alguma importância para mim ou para o meu relacionamento com Deus?

Decidi estudar este assunto mais a fundo. Se necessário, passaria a noite em claro a estudar e a orar. Tentaria compreender o que é que aconteceu, realmente, à divindade de Jesus quando Ele morreu na cruz, e que diferença fazia isso para mim – se é que fazia.

Quando os primeiros raios de sol iluminaram o meu quarto e todos os seus livros, comentários e papéis espalhados por todo

o lado, vi que não só o meu quarto estava numa desarrumação completa, mas eu me encontrava totalmente confuso. As perguntas pareciam envolver a minha mente enquanto eu tentava desesperadamente manter-me acordado. Misturada com as minhas perguntas havia agora uma lembrança vaga que, quanto mais eu a tentava ignorar, mais clara se ia tornando. Tinha alguma coisa a ver com uma viagem de camioneta – sim, uma viagem de camioneta!

E lá estava de novo!

Lá estava de novo, na minha mente, a imagem de uma camioneta e um rapazinho; sem pensar, tentava imediatamente apagá-la. Claro que o meu problema era apenas o facto de não compreender a cruz e a natureza de Cristo, o que nada tinha a ver com uma camioneta e um rapazinho. Mas esta lembrança era tão forte na minha memória! Depois de uma nova tentativa de oração e de comparação das Escrituras, deixei-me cair para trás, exausto. Aparentemente este era um mistério que eu nunca compreenderia, pelo menos enquanto não chegasse ao Céu.

Ao fechar os olhos e ao tentar imaginar, uma vez mais, a cruz, uma camioneta voltou a surgir. “Senhor, sou Teu filho. Sei que me amas e que morreste por mim. Por favor ajuda-me a perceber porque é que eu continuo a pensar nesta camioneta!”

Quase imediatamente, lembrei-me de um episódio sobre o qual não pensava há 25 anos. Mas porque é que me havia de lembrar dele agora? Revivendo a cena, senti a presença confortadora de Cristo. Só assim consegui penetrar na recordação mais dolorosa da minha vida. Só então pude começar a compreender a experiência da Divindade e a realidade misteriosa do que na verdade aconteceu na cruz.

As viagens de camioneta tinham-se tornado obrigatórias. Os meus pais divorciaram-se quando eu era muito pequeno (5 anos, para ser exacto) e, em consequência, a minha mãe e eu mudámo-nos para



longe do meu pai. Eu não o via nem recebia notícias dele durante todo o ano, até ao início do Verão. Quando começavam as férias de Verão, punham-me na camioneta para eu fazer a longa viagem de mais de 800 quilómetros para me encontrar com o meu pai para a nossa visita anual.

Embora estas visitas temporárias parecessem curtas, eram muito boas para mim e para o meu pai. Passávamos muito tempo juntos e o nosso amor era fortalecido.

Em criança eu descrevia o meu pai com palavras como “grande” e “alto”, mas ele era muito mais. Era um homem calmo, sempre gentil e bondoso. Para me disciplinar nunca precisou de me bater; um olhar era suficiente para acalmar até o meu comportamento mais maroto. Isso agradava-me porque as suas mãos eram as mãos enormes dum mecânico de tractores.

Lembro-me de um certo dia de Verão quando essas mãos tiraram o meu pé torcido dos raios da roda de trás da bicicleta de um amigo meu. Ainda consigo ver os olhos do meu amigo quando as mãos do meu pai apertaram os raios, eles se dobraram e libertaram o meu pé. Ele levantou-me como se eu fosse um saco de penas e levou-me para casa aconchegado nos seus braços.

Mas, não obstante o facto de passarmos tempo juntos e da maneira como o nosso amor um pelo outro crescia e se fortalecia, havia sempre uma realidade no fundo do nosso subconsciente. O dia em que teríamos de dizer adeus.

Eu não me apercebera de que um desses adeus sido tão particularmente doloroso que eu o apagara da minha memória. De repente estava a tornar-se tão claro que era como se o estivesse a viver novamente pela primeira vez. Conforme a recordação foi voltando à minha mente qual vídeo, as palmas das minhas mãos humedeceram. Fui tentado a evitar a dor e a manter o passado enterrado num recanto escuro da minha memória, mas Deus tinha algo muito mais importante para me revelar.

Encontrei a chave

Eu tinha 8 anos naquela manhã de Verão. Os olhos do meu pai estavam vermelhos e inchados devido a uma noite em claro. Permanecíamos em silêncio enquanto o carro percorria a distância que nos separava do terminal de camionagem. Nunca tinha visto o meu pai chorar e eu decidira que esta seria a primeira despedida sem lágrimas. Era madrugada ainda e parecia-me mais escura do que breu.

No terminal de camionagem o meu pai pôs-se entre mim e a camioneta, lançando uma longa sombra sobre o prateado da pintura. Os cheiros normais enchiam o ar. O condutor desceu uns degraus e espreitou pela porta. Quando se certificou de que tinha a nossa atenção, olhou para o relógio. Sabíamos que estava na hora.

O meu pai baixou-se e envolvi o seu pescoço com os meus braços pela última vez. “Papá, não quero ir.” Tentei deter as lágrimas e ignorar o nó na minha garganta, ser um rapaz crescido, mas a dor sobrepôs-se quando o meu pai colocou a sua cabeça no meu ombro e a mão na minha cabeça. Ele tentou limpar as minhas lágrimas mas isso só fez com que elas fossem mais abundantes. “São horas,” sussurrou. Pegou em mim ao colo e levou-me até à porta da camioneta.

Colocou-me cuidadosamente no último degrau. Baixou-se e, com o rosto colado ao meu, apertou-me nos seus braços e sussurrou novamente: “Nunca te esqueças que o papá te ama.” Desviei os meus olhos dos seus e fiquei a olhar para as suas mãos que, suavemente, se afastavam das minhas.

Virei-me para entrar na camioneta e dei de caras com os olhos impacientes e o sobrolho franzido do condutor. Apeteceu-me correr para os braços do meu pai. Mas ao voltar-me, vi a porta fechar-se com estrondo. De cabeça baixa para evitar os olhares impacientes dos outros passageiros, fui andando pelo corredor.

Só havia um lugar perto da janela do lado onde estava o meu pai. Dali eu podia vê-lo a procurar nas janelas escuras, com a mão fazendo de pala para os seus olhos. Não me conseguia ver. A camioneta começou a andar. Pus as mãos na janela e comecei a chamá-lo: “Pai-zinho, estou aqui! Estou aqui!” Mas a minha voz foi abafada pelo barulho do motor.

À beira do pânico, voltei para a porta. Em vão; já íamos a caminho da estrada.

“Nunca
te esque-
ças que o
papá te
ama.”

Voltei a correr para o meu lugar, coleei a cara à janela tentando desesperadamente vê-lo mais uma vez. Quando a camioneta dobrou a esquina, uma fracção de segundo ficou para sempre gravada na minha memória infantil. À distância apareceu a figura do meu pai. Já não estava à minha procura. De ombros caídos tinha a cabeça baixa entre as mãos. Enterrei imediatamente esse momento no fundo da minha memória.

O nosso último adeus

Lágrimas quentes corriam-me agora pelas faces e confortavam o meu coração quando o impacto real dessa viagem se tornou claro. Não tinha consciência de quanto sentia a falta do meu pai. O nosso último adeus deu-se pouco depois dessa viagem. Ele morreu de cancro quando eu ainda era pequeno e não consegui estar com ele nos seus últimos momentos. Não chorei no seu funeral; em vez disso escondi novamente a dor. Era grande demais para o coração de uma criança tantas vezes magoado por demasiados adeus.

Mas agora as lágrimas corriam livres e quentes. Lágrimas confortadoras de gratidão e amor a Deus. Uma luz parecia encher o quarto quando eu finalmente compreendi. De repente tomei consciência de que era verdade; a Divindade não morrerá na cruz. Mas a Divindade sofreu, sofrera uma angústia suprema muito pior do que a morte. Ver alguém que amamos tanto, sofrer tão terrivelmente é o maior sofrimento de todos. Jesus também tinha apanhado uma camioneta daquelas quando ele passou pela cruz e foi assim separado da presença amada do seu Pai.

Um calor reconfortante de gratidão a Deus encheu o meu coração quando percebi pela primeira vez que Ele compreendia tudo aquilo por que eu tinha passado.

▲

Olhar para Trás, para a Frente e para Cima



Robert Folkenberg
Presidente da
Conferência Geral
dos A.S.D.
Adaptação RA

Aqui estamos nós no fim de outro ano. Os dias passaram tão depressa que, antes que nos dessemos conta, chegou 1998. É altura de olharmos, por momentos, para trás e fazermos um balanço do ano que termina.

Que ano este!

Vimos acidentes e catástrofes naturais. Mortes e desgraças. Pasmámos perante o horror da pedofilia que se espalha por países ditos civilizados. A guerra continua a grassar em África e milhares vêem-se na necessidade de fugir da sua terra. Os campos de refugiados continuam cheios e a fome é uma constante em muitos locais da terra.

Mas este ano também nos trouxe boas notícias - actos de heroísmo e de altruísmo, avanço no campo de batalha da medicina onde se luta para minorar o sofrimento humano, pessoas ilustres e ilustres desconhecidos que ajudaram a tornar o planeta Terra um local melhor e mais belo.

Há sempre notícias boas e más. A verdade e o erro numa constante batalha pela supremacia, o bem contra o mal, Cristo contra Satanás. Encontramo-nos no meio de uma batalha - o grande conflito!

Este ano trouxe-nos muitos relatórios maravilhosos que mostram a mão de Deus sobre nós. As boas novas de Jesus e da Sua breve vinda continua a avançar a passos largos. A nossa igreja cresce muito rapidamente - passámos a barreira dos 9.3 milhões. Este ano o Senhor quebrou barreiras, abriu portas e fez maravilhas. Estamos no fim dos tempos e Ele está a derramar o Seu poder sobre nós.

Caro amigo, que tal correu o ano, para si? Ao olhar para trás, para 1997, quais são os acontecimentos da sua vida que lhe encham a alma?

Talvez tenha sido um ano de alegrias - casamentos, nascimentos, formaturas, sucessos. Ou talvez tenha sido terrível, com sofrimento, ansiedade e a perda de entes queridos.

Mas, através de todos eles, a mão de Deus tem estado sobre nós. As alegrias e sucessos que tivemos, vieram d'Ele; nas tristezas e nas dores, Deus tem estado ao nosso lado, embora pareça estar longe.

Quer juntar-se a mim em louvor com o salmista? "Quero louvar o Senhor com toda a minha alma; com todo o meu ser quero louvar o Deus santo. Quero louvar o Senhor com toda a minha

alma, sem esquecer nenhum dos Seus benefícios. É ele quem perdoa todas as minhas culpas e cura todas as minhas enfermidades" (Salmo 103:1-3 BBN).

Em breve despontará um novo ano. Os Romanos tinham um deus chamado Janus, com duas caras, uma que olhava para trás, outra para a frente. Janus era o deus dos portais, dos começos, e o nosso mês Janeiro vem desse nome.

Por isso também olhamos para a frente, não nos podemos deter no passado. Deus quer que aprendamos com o ano velho, mas também que sigamos em frente. Ele é o Deus do novo, do fresco, do criativo. Pode dar-nos a capacidade de melhorar em 1998. Mas temos de nos lembrar que "nada temos a temer no futuro, a não ser que esqueçamos a forma como o Senhor nos guiou, e os Seus ensinamentos na nossa história passada" (*Life Sketches*, pag. 196).

"Não recordem mais os acontecimentos de outra, nem pensem mais no passado" diz Deus. "é que Eu vou realizar algo de novo, que já está a aparecer. Será que não o notais?" (Isa. 43:18 e 19 BBN).

Há um tempo para nos lembrarmos, mas também há um tempo para esquecermos. Paulo diz-nos: "Esqueço-me do que ficou para trás e esforço-me por atingir o que está diante de mim. Deste modo, caminho em direcção à meta para obter o prémio que Deus nos prometeu dar no céu por meio de Cristo Jesus" (Fil. 3:13 e 14 BBN).

Devemos lembrar-nos da bondade de Deus, da Sua liderança, da Sua aceitação e dos Seus actos de amor nas nossas vidas e igrejas. Mas devemos esquecer as nossas falhas, dúvidas, desleixos, mordidão e, pela graça de Deus, fazer um novo começo.

Por isso, olhem para cima. Levantemos os nossos olhos e a nossa fé. Cheios de confiança, enfrentemos o desconhecido com Ele, seguros na Sua misericórdia e confiantes de que o futuro Lhe pertence.

"E eu disse ao homem que estava à porta do ano: 'Dá-me uma luz para que eu possa caminhar com segurança para o desconhecido.' E ele respondeu: 'Entra na escuridão e põe a tua mão na mão de Deus. Isso será, para ti, melhor do que a luz e mais seguro do que um caminho que já conheças'" (*God Knows*, de Minnie Louise Hoskins).

▲



A Minha Foto com Deus

*A Minha mãe ama a Debby por uma simples razão:
A Debby é sua filha.*

Minha irmã mais nova, Debby, com todo o seu calor humano, simpatia, e alegria de viver, trouxe à nossa família mais desafios do que a maioria das crianças. A notícia devastadora chegou poucas horas depois do seu nascimento - a Debby sofria do síndrome de Down.

O médico preveniu a minha mãe e o meu pai que a Debby nunca aprenderia a dizer muita coisa e que não andaria antes dos 6 anos - se é que alguma

vez andasse. Aconselhou-os vivamente a internarem-na numa instituição, para o bem dos seus sete filhos mais velhos.

O meu pai era um homem prático, embora angustiado; saía mais barato cuidar dela em casa. A minha mãe queria apenas ficar com a sua bebé. Nós, irmãos mais velhos, éramos demasiado jovens para nos preocuparmos com o assunto, acho eu, e continuámos as nossas brincadeiras.

A Debby deixou-nos todos excitadíssimos quando disse um claro “não” quando tinha apenas 2 anos, e deu aqueles primeiros e tão esperados passinhos aos 2 anos e meio. Depois de vários anos de treino e paciência, a mamã conseguiu, *finalmente*, que ela aprendesse a pôr o bracito dentro da manga do casaco. Quando chegou à adolescência,

a Debby ia todos os dias de autocarro para a escola especial e mais tarde para a oficina da Associação para Cidadãos Retardados da Junta de Freguesia, que os meus pais ajudaram a fundar. Na igreja, dava-se bem com todos e a sua conversa atabalhoada era bem compreendida. A maioria das pessoas gostava dos seus abraços calorosos e, nalgumas ocasiões, até juntava os seus “brados de júbilo” aos do coro.

Não obstante o seu progresso ter excedido, em muito, a previsão do médico, ela ainda era mentalmente retardada. De certa forma, ela continuava a ter 6 anos, precisando de cuidados constantes, de brincadeiras constantes, de ajuda constante em todas as áreas. Depois contraiu diabetes, o que significou mais despesas médicas, uma dieta especial, e muitos outros desafios.



*Cheri Horning
Corder
Conferencista para
o Ministério da
Mulher*

“Não podes comer esse bolo, senão ficas doente,” dizia-lhe a mãe.

“Eu prometo que não fico doente,” respondia-lhe a Debby pegando no bolo.

A Debby tem agora quase 40 anos e a diabetes e insulina deixaram marca na sua saúde já de si frágil. Ainda passa algumas horas na oficina, mas a sua produção baixou muito. As férias da minha mãe, viúva há longos anos, são limitadas pelas dificuldades encontradas ou em levar a Debby com ela, ou em arranjar ajuda adequada. Como a sua vista é muito fraca, ela agarra-se ao braço da minha mãe com tanta força, durante os passeios matinais, que o deixa dolorido. O futuro da Debby é uma preocupação constante. O seu presente um constante labutar.

Então, como é que a mãe ainda pode amar tanto a Debby? Será por ela ser bonita? Não pode ser. Em termos físicos, literalmente, a Debby não é bonita. Mas se for visitar a minha mãe, verá fotos da Debby, orgulhosamente expostas como as dos outros filhos - na parede da sala de jantar, em cima do piano, na cómoda do quarto, nos postais de Natal da família e na carteira da minha mãe.

Será que a mãe gosta da Debby por ela ser famosa devido a alguma coisa que tenha feito? Não, pois embora a mãe tenha ficado muitas vezes feliz por alguma coisa que a Debby tenha conseguido - como daquela vez em que a Debby arranjou emprego a enrolar talheres em guardanapos num bom



restaurante - a verdade é que a Debby a deixou envergonhada algumas vezes.

Será porque a Debby é uma pessoa com quem dá prazer estar? Bem, normalmente ela é amorosa e alegre. Mas, por vezes ela é espantosamente egoísta. E há alturas em que é positiva e tremendamente teimosa. Acreditem que ela se lembra muito bem de como se diz não e consegue armar uma cena desagradável quando lhe apetece!

A minha mãe ama a Debby por uma simples, toda-abrangente razão: *a Debby é sua filha*. E embora o facto de ter sido ela a dar à luz a Debby lhe tenha custado muito ao longo dos anos, nunca a vi inventariar esse custo. Cada sacrifício, cada tristeza, cada incrível tensão da sua alma, ela repetiria por aquela filha.

Neste último Verão, ao ver a minha mãe guiar pacientemente a Debby nos seus afazeres diários, apaziguar as suas incompreensões, medir a insulina, apercebi-me que estava a ver uma foto de Deus a lidar comigo.

Não é por eu ser bela. Como qualquer outra mulher, tento sê-lo, mas Deus conheceu Eva. E se Ele alguma vez a tentasse comparar comigo, mesmo nos meus melhores dias eu pareceria atrasada mental. No entanto, Ele leva a minha foto gravada nas Suas mãos.

E também não pode ser por Se orgulhar do que eu ando a fazer pelo mundo, pois não é caso disso. Por vezes, espiritualmente falando, nem sequer sei meter o braço na manga. Mas, pior do que não viver à altura da minha capacidade humana, eu andei por aí a humilhá-l'O. Por causa do meu pecado, as pessoas fizeram pior do que olhar para Ele com

espanto ou do que se afastarem embaçadas - cuspiram-Lhe, rasgaram-Lhe a roupa e foram tão cruéis ao ponto de O matarem.

Amar-me-á Ele por eu ser uma pessoa com quem se gosta de estar? Quem me dera! Óh, tenho momentos em que sou maravilhosa. Mas a verdade é que eu posso ser incrivelmente teimosa e egoísta. Quando não compreendo o que é que Ele está a tentar fazer por mim ou onde é que Ele me está a tentar guiar, por vezes torno-me uma pessoa com quem é difícil lidar.

Fazer-me nascer de novo tem custado tremendamente, ao meu Pai, ao longo dos milénios. Mas, por alguma razão não acho que Ele esteja a inventariar esses custos. Está demasiado

*Ele leva a
minha foto
gravada
nas Suas
mãos.*

ocupado em prover as minhas necessidades diárias, em apaziguar as minhas frustrações, em massajar as minhas teimosias, guiando-me passo a passo. Cada sacrifício, cada tristeza, cada incrível tensão da Sua alma, Ele repetiria. Porquê? Por amor. Sabem, sou Sua filha. A

OS ADVENTISTAS

Rubens Lessa – Redactor-Chefe da Casa Publicadora Brasileira

Dois extremos: de um lado, Deus; do outro, o diabo. De um lado, o “Assim diz o Senhor”; do outro, o “Assim diz a antiga serpente”.

Dentro dessa perspectiva, a mensagem Adventista do Sétimo Dia está para a luz assim como a Nova Era está para as trevas. Não se trata de orgulho denominacional. É uma questão de honestidade bíblica e teológica.

Com base na Inspiração, podemos afirmar categoricamente que a Nova Era é um requintado pacote de ataques à soberania divina. Trata-se da mais ousada tentativa de remover o Criador do Seu trono para nele colocar a criatura.

O conceito de que o homem é essencialmente divino é uma lembrança atávica da maior mentira dita pelo inimigo, junto à árvore da ciência do bem e do mal: “e sereis como Deus” (Gen. 3:5). A mentira espalhou-se pelo mundo e, no limiar do ano 2000, milhões de pessoas desavisadas sentem-se atraídas pelo fruto proibido. Quem come dele, fica inebriado com o *poder* e a *sabedoria* prometidos pelo *marketing* da “antiga serpente” (Apoc. 12:9).

Jesus, prevendo essa ardilosa obra do engano, advertiu: “Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos” (Mat. 24:24).

ORIGEM - O desejo de ser igual a Deus começou no Céu, com Lúcifer (Isa. 14:13 e 14). Lançado para o abismo, o ex-

anjo de luz tentou Eva a alimentar o mesmo sentimento: “e sereis como Deus”. O homem nunca alcançou o *status* prometido pelo inimigo, mas, através dos séculos, desenvolveu a crença de que a alma não morre.

Envolta por uma roupagem atraente, está de volta a proposta de Génesis 3:5. Uma nova versão da árvore da ciência do bem e do mal. Ou seja, a Nova Era.

As raízes desse movimento remontam à década de 60, quando jovens americanos se enamoraram, não apenas do ocultismo, mas também das religiões orientais, com as suas explicações sobre a realidade.

Nas duas últimas décadas, o ocultismo ocidental uniu-se ao misticismo oriental para apresentar uma nova fisionomia à sociedade moderna. Esse movimento não tem sede, nem denominação com estrutura organizacional ou administrativa. É uma coalizão de religiões e organizações que sustentam pontos de vista semelhantes sobre a realidade. Teorias baseadas na “sabedoria oriental” penetram todas as áreas da vida contemporânea: ciência, negócios, medicina, educação, psicologia, religião, política, artes e, especialmente, diversões ou entretenimentos. Os meios

O INIMIGO CRIOU
A SUA
PRÓPRIA VERSÃO
DA ÁRVORE DA
CIÊNCIA DO BEM
E DO MAL

de comunicação de massa dão espaço nobre a essas ideias. Com tal apoio, o momento expande-se por todo o mundo, criando uma salada de conceitos que agrada a todos os gostos.

DOCTRINAS - O Dr. Norman L. Geisler, professor de Teologia Sistemática do Seminário Teológico de Dallas, preparou uma lista de pelo menos catorze doutrinas defendidas pelos grupos coligados ao movimento Nova Era. Eis um resumo:

1. Um deus impessoal (força). Alguns chamam a essa força “mente”.
2. Um Universo eterno.
3. Natureza ilusória da matéria.

E A N O V A E R A

4. Natureza cíclica da vida.
5. Necessidade de reencarnações.
6. Evolução do homem em Deus ou divindade.
7. Contínuas revelações de seres espirituais que estão além deste mundo.
8. Identidade do homem com Deus.
9. Necessidade de meditação.
10. Práticas ocultas (astrologia, mediunidade, etc.).
11. Vegetarianismo e saúde holística.
12. Movimentos pacifistas.
13. Uma nova ordem mundial (global).
14. Sincretismo (unidade religiosa).

CONTRASTE - essa visão panteísta da realidade colide com o testemunho das Santas Escrituras. Num documento preparado pelo Instituto de Pesquisas Bíblicas da Associação Geral, mencionam-se oito conceitos bíblicos em oposição a ideias defendidas pelos adeptos da Nova Era.

1. *A Bíblia afirma a existência de um Deus pessoal que, como Criador, está fora e à parte da Sua criação. Jesus ensinou-nos a dirigirmo-nos a Deus como "nosso Pai".* Em contraste, o panteísmo - que é a espinha dorsal da Nova Era - vê "deus" como uma força impessoal, energia, "mente", penetrando tudo, inclusive o homem.

2. *A Bíblia afirma que o homem e a mulher são criaturas - criados por Deus à Sua imagem, mas distintos de Deus e d'Ele dependentes para viverem. O homem, em nenhum sentido, é divino, mas é chamado a reflectir o carácter de Deus.* Já o panteísmo vê o homem como uma extensão de Deus. O homem é considerado um "deus", e, através de uma série de vidas,

evolui a uma maior consciência da sua divindade.

3. *A Bíblia afirma a realidade do mundo exterior, da Natureza e do Universo, e reconhece que todas as coisas são obra das mãos do Criador. Sal. 8:3 e 4: "Quando vejo os Teus céus, obra dos Teus deuses, a Lua e as estrelas que preparaste, que é o homem mortal para que Te lembres dele?"* Em contra-posição, o panteísmo diz que o Universo, o mundo exterior,

é apenas uma ilusão, a mente ou energia é a única realidade.

4. *A Bíblia diz que a família humana pecou contra Deus, transgredindo a Sua vontade revelada na Sua Lei. Afirma que o pecador pode ser redimido apenas através da sua aceitação pessoal dos méritos da vida imaculada e da morte expiatória do Salvador, Jesus Cristo.* O panteísmo rejeita orgulhosamente o evangelho cristão e as suas premissas. A humanidade, dizem os seus adeptos, é essencialmente boa, não caída. O problema, dizem, consiste em o homem ignorar que é divino. O alvo maior é descobrir e desenvolver a divindade.

A salvação, no conceito panteísta, é a unificação com Deus através de uma sequência de vidas e reencarnações. Jesus é visto apenas como um Professor religioso.

5. *A Bíblia afirma o valor da oração como relacionamento entre o crente e Deus.* O panteísmo nega a necessidade de oração como relacionamento entre dois seres distintos - o crente e Deus. Como o ser humano é essencialmente divino, a oração é apenas uma forma de meditação. Nunca um meio de pedir ou agradecer uma bênção.

6. *A Bíblia fala sobre a existência de anjos maus, confederados sob as ordens de Satanás,*

EXPERIÊNCIAS MÍSTICAS

Manuel Vasquez, que escreveu uma tese de doutoramento sobre as implicações da filosofia de saúde holística da Nova Era sobre a fé e prática Adventistas:



"A filosofia Adventista de saúde, de acordo com Ellen G. White, ensina que os nossos médicos, enfermeiros e demais pessoas envolvidas na área de saúde, devem ser co-obreiros do Grande Médico, Jesus Cristo, 'o verdadeiro chefe da profissão médica'."



Will Baron, ex-adepto da Nova Era e hoje Adventista do Sétimo dia:

"Quando os crentes da Nova Era têm uma experiência mística durante a meditação, não creio que seja porque aquele que medita tenha o poder inerente de produzir essa experiência, como por exemplo, entrar voluntariamente num estado alterado de consciência e ainda algo mais profundo. A minha opinião é que um agente satânico lança algum tipo de poder psíquico sobre o que medita." (do livro *Nas Teias da Nova Era*, pág. 186)

guerreando contra Deus e o homem. O panteísmo nega a presença do mal no Universo. Diz, no entanto, que o cosmos é uma realidade multidimensional, na qual existem espíritos que actuam como fonte de força e poder.

7. *A Bíblia afirma a realidade da morte e do julgamento final da humanidade.* Heb. 9:27: "E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez vindo depois disso o juízo..." O panteísmo nega ambos os acontecimentos. A vida evolui numa série de reencarnações.

8. *A Bíblia fala sobre a realidade dos milagres operados pelo poder de Deus. Reconhece, ao mesmo tempo, que Satanás e os anjos maus operam milagres aparentes, através dos seus agentes.* Já o panteísmo atribui os fenómenos físicos, tais como a cura de doenças, à acção de "altos poderes" latentes que há na mente humana, ou à manipulação da aura de energia que envolve cada pessoa e cada objecto.

A Bíblia e o Espírito de Profecia não negam a relação entre a mente e o corpo. Sabemos que certas doenças estão relacionadas com atitudes mentais. "O coração alegre serve de bom remédio, mas o espírito abatido virá a secar os ossos" (Prov. 17:22). "A relação existente entre a mente e o corpo é muito íntima. Quando um é afectado, o outro também o é. O estado da mente afecta a saúde do sistema físico." *Mente, Carácter e Personalidade*, vol. 1, pags. 59 e 60.

Como se vê, existe um grande abismo entre os postulados bíblicos e os conceitos da Nova Era. Duas posições antagónicas. A aceitação de uma exclui completamente a outra. Não pode haver mistura, nem mesmo a mais suave. E é exactamente nesse ponto que o inimigo procura enganar os laodiceanos.

CAVALO DE TRÓIA - Como Adventistas, às vezes consideramo-nos imunes aos embustes espiritualistas. Ledo engano. Há um inimigo encoberto, que se insinua aqui e ali para apanhar os incautos.

Conhecemos bem a alusão feita ao imenso cavalo de madeira que, visando tomar Tróia, os gregos ardilosamente construíram, a conselho de Ulisses, enchendo-lhe o bojo de soldados armados e mandando-o de presente aos troianos. O diabo também construiu uma versão moderna do cavalo de Tróia para surpreender os que dormem espiritualmente. De quando em quando, um soldado sai do esconderijo e atira a sua seta venenosa.

Esses "soldados" infiltram-se na área da saúde, especialmente na medicina alternativa, que está descambando para o misticismo. A ameaça é tão preocupante que Waren Peters, médico Adventista, escreveu um livro intitulado *Mystical Medicine* (Medicina Mística). Essa obra, cujo conteúdo é um brado de alerta para médicos, enfermeiros e pessoas ligadas à área da saúde, será publicada no próximo ano pela Casa Publicadora Brasileira.*

A Nossa Igreja é depositária de um equilibrado conjunto de princípios de saúde, graças ao dom de profecia e a pesquisas feitas por médicos Adventistas dedicados. Já estamos habituados à expressão "estilo de vida Adventista", o qual visa o homem como um todo: corpo, mente e espírito. Este conceito é bíblico, amplamente fundamentado no Espírito de Profecia, e não pode ser confundido com a "medicina holística", tão em voga nos nossos dias. Essa medicina está impregnada de ideias místicas, de origem oriental. E o perigo mora na fronteira entre a filosofia cristã de saúde e os conceitos da medicina mística.

Na sua tese de doutoramento, o Dr. Manuel Vasquez analisa as implicações da medicina holística sobre a fé e a conduta Adventistas. Nas páginas 31 e 32 da sua dissertação, ele apresenta três diferenças básicas:

1. A filosofia Adventista é apoiada por uma visão bíblica teísta, na qual Deus é o único Criador soberano e Mantenedor do Universo e de tudo o que ele contém. Na saúde holística da Nova Era, há uma fusão de ideias não-bíblicas, como monismo, panteísmo, animismo, etc..

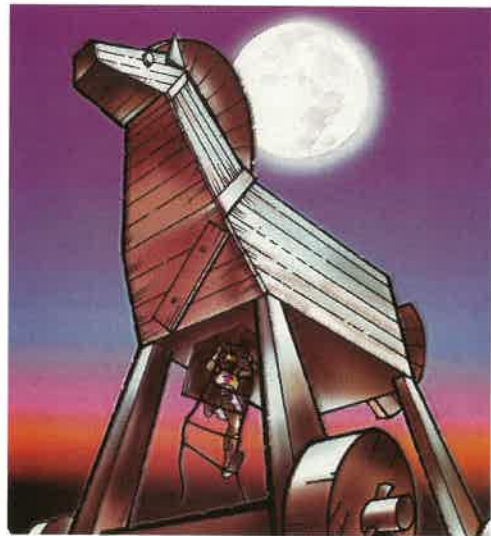
2. O objectivo final da filosofia Adventista de saúde é tornar o homem completo, isto é, restaurá-lo à imagem do seu Criador. O alvo da filosofia de saúde holística da Nova Era é transformar o homem num semideus capaz de se curar física e mentalmente.

3. A filosofia Adventista de saúde ensina que a humanidade deve depender de Deus para viver e para se manter saudável, ao passo que a filosofia de saúde holística da Nova Era ensina o homem a depender de si mesmo e de energias místicas.

Lamentavelmente, já há Adventistas a usar métodos da medicina mística. Por que se deixam atrair por essas práticas? Falta de esclarecimento? Declínio espiritual? Mornidão?

Em Apocalipse 3:18, a Testemunha Fiel aconselha: "... e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas." O uso desse colírio não apenas capacita o cristão a ver a sua nudez espiritual, mas também a distinguir entre o falso e o verdadeiro.

A forma grega da expressão "se possível fora", em Mateus 24:24, mostra que é impossível Satanás enganar os que servem a Deus com sinceridade. Se quisermos evitar que o nosso povo se aproxime da moderna árvore da ciência do bem e do mal, precisamos de usar o colírio do Espírito Santo. Médicos, enfermeiros, pastores e líderes Adventistas devem viver e trabalhar em harmonia com a Palavra de Deus. De contrário, será inevitável a invasão desse cavalo de Tróia no nosso meio.



* Se desejar, poderá encomendar este livro à Publicadora Atlântico

CUIDADO COM O BOOMERANG!

Uma das maneiras mais simples de explicar as dificuldades relacionadas com o seu novo campo é deitar as culpas no pastor que o precedeu. Desde a indiferença da congregação às más condições de manutenção da igreja em si, tudo pode ser posto aos pés daquele único indivíduo. Pois parece-nos que até um líder com um mínimo de talento poderia analisar com sucesso as necessidades e tomar as medidas correctivas necessárias antes de se escapar para pastos mais verdes. Até mesmo sem a preparação técnica adequada, o pastor anterior poderia ter lidado com essas dificuldades procurando, em oração, a direcção do Espírito Santo. Não há desculpa possível.

Na ausência da pessoa em causa, as razões para essas aparentes faltas são difíceis de imaginar. Os líderes da igreja local também parecem não conseguir explicar as manifestas evidências da inapetência pastoral. Não se contacta com o colega sobre os problemas. É que, convenhamos, discutir o assunto seria, no mínimo, embaraçoso para ambos. E assim vai andando.

O primeiro campo provavelmente oferece a única oportunidade que se poderá ter de deitar as culpas no antecessor com um certo grau de impunidade. Não se deixou qualquer congregação atrás de nós para contar as nossas falhas de liderança. Esquecendo o facto de que haverá sempre muitos problemas que ficaram por resolver e muitas pessoas que se encarregam, diligentemente, de os descrever sob a pior luz possível, enchemo-nos de justa indignação. Depois desse primeiro campo, devia ficar muito mais atento à teoria do boomerang. Um dia, o pastor que for ocupar o seu lugar será tentado a seguir exactamente pelo mesmo atalho. Seria, então, a sua vez de ser o culpado de todos os problemas que ficaram para trás. Boomerang!

Seria a teoria de boomerang que Paulo

tinha em mente quando escreveu: “Não erreis; Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso, também, ceifará” (Gal. 6:7)? Embora a teoria seja universal, também se aplica aos profissionais religiosos que criticam os seus colegas. Critique alguém e, tal como um boomerang, essa crítica voltará para si. Não interessa quão eficientemente a mascare com uma linguagem hipocritamente santa, a censura pública prejudica a reputação do coobreiro. Mesmo que os membros não compreendam imediatamente o que está a tentar fazer, o texto sugere que Deus não se deixa enganar.

Algumas das pessoas que admoestam os membros de igreja para se amarem uns aos outros ou que os repreendem por tocarem nos “ungidos do Senhor” deixam-se deslizar para estes mesmos moldes. No entanto, não há razão para se pensar que a teoria de boomerang não se aplica aos relacionamentos interpessoais entre pastores. Embora a sua paciência não o consiga imunizar-se contra o mal, a promessa do Senhor é certa. Garante a si próprio problemas quando amesquinha os outros.

Certamente que recitar as falhas do seu antecessor não lhe angaria apoio, não obstante os factores que garantam a necessidade de um novo pastor. Nem todos os membros da sua nova congregação estavam a orar fervorosamente por nova liderança. As necessidades de alguns membros serão, significativamente, diferentes do normal ao ponto de os fazer apreciar um estilo de liderança pouco popular. O pastor anterior era, provavelmente, tão certo para as necessidades de alguém que este ficou devastado pela mudança. Embora esses indivíduos sejam a minoria, não há razão para os hostilizar ainda mais com ataques pessoais ao coobreiro indefeso.

Então, o que deve fazer? Aqui estão três sugestões:

Certamente

que recitar as

falhas do seu

antecessor não

lhe angaria

apoio.

Aprecie diversos talentos

Não perca a perspectiva porque algumas necessidades da igreja parecem dominar a sua atenção. Deus capacitou os líderes com vários dons. As necessidades que correspondem aos seus talentos específicos serão, naturalmente, mais óbvias para si. Quem poderia, no seu juízo perfeito, querer reconhecer os males que não podem curar? “Ao lidarmos uns com os outros devemos lembramo-nos que nem todos temos os mesmos talentos ou o mesmo feitio. Os obreiros diferem em planos e ideias. Vários dons, combinados, são necessários para o bom andamento do trabalho. Lembremo-nos que alguns têm a capacidade de preencher determinadas posições com mais sucesso do que outros. Um obreiro a quem tenha sido dado tacto e habilidade que o capacitam para uma função em determinada linha de trabalho não deve culpar outros por não serem capazes de fazer aquilo que ele talvez faça sem qualquer dificuldade. Não haverá alguma coisa que os seus colegas possam fazer muito melhor do que ele?”¹

Seja grato pelo facto de que pessoas de diversos ramos profissionais se alistem para que se leve a cabo um trabalho que poderia ser difícil caso fosse deixada a uma única pessoa. Em vez de criticar as deficiências do seu antecessor, confirme as capacidades dele como sendo parte de um grande plano que usa, também, os seus próprios talentos.

Cuidado com a armadilha carinhosa

Alguns membros da congregação são rápidos em perceber ou criar invejas profissionais dentro do corpo pastoral e estão prontos a explorá-las em seu próprio benefício. Eles denegridem o pastor anterior enquanto sugerem que o actual é exactamente a cura para todos os males da sua igreja. A sua esperança é que ele expresse a sua gratidão numa forma tangível quando formar o seu gabinete administrativo, guiar a escolha do conselho, ou tomar outra decisão crucial. Se for apanhado pelo seu esquema, mostrará uma genuína

falta de respeito para com a liderança da igreja e uma propensão naïve para se deixar cegar pela lisonja. “Lembrem-se que aquele que toma a posição de um crítico enfraquece as suas próprias mãos.”²

Não se junte aos críticos

Mesmo que o pastor que for chamado a substituir tenha falhado em alguns aspectos, será um erro juntar-se a quem o critica. Em alguns casos extremos poderá ter de abordar a gravidade de alguma situação em particular que tenha resultado de uma falha de um co-obreiro, mas mesmo assim a ênfase deverá ser posta na situação e não na pessoa. “Meu irmão, minha irmã, estão proibidos de tornar as falhas do vosso co-obreiro um assunto de conversa. Ao falar mal de outros, semeiam as sementes da crítica e da censura. Não se podem dar ao luxo de fazer isso. Vão ter com aquele que acham que está em falta, e falem-lhe dela ‘apenas entre os dois’. Se ele vos ouvir e vos puder explicar o assunto, poderão alegrar-se por não o terem acusado, mas seguido as direcções dadas pelo Salvador. Recusemo-nos a relatar algo de mal contra os nossos co-obreiros. A reputação de homens e mulheres é tomada em alta conta por Aquele que deu a Sua vida para salvar almas. Ele disse-nos a forma como devemos tratar aqueles que estão em falta. Ninguém é suficientemente sábio para melhorar o plano de Deus.”³

A energia negativa que gastar em criticar os seus colegas vai, com certeza, dificultar a sua liderança. Por outro lado, se salientar a contribuição e o esforço dados pelo seu antecessor, receberá o respeito daqueles que desejam o melhor para a igreja. Alguns até poderão falar das suas capacidades, ao verem a sua magnanimidade. A teoria do boomerang tanto se aplica de forma negativa como positiva. O perdão gera perdão. **A**

¹ Ellen G. White, *Evangelism* (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1946), p. 103

² *Ibid.*, p. 634

³ in *Review and Herald*, 12 de Maio, 1903

**“Lembrem-se
que aquele que
toma a posição
de um crítico
enfraquece as
suas próprias
mãos.”**

Walter L. Pearson, Jr.
Secretário Adjunto da
Associação Ministerial
para o Evangelismo e
Crescimento da Igreja na
Conferência Geral dos A.S.D.



Natal: O Início de um Caminho

Philippe Zeissig conta em reflexão o seguinte episódio: “Era uma sapataria muito ‘chic’. Uma cliente experimentava vários pares, acabando por encontrar o ‘par da sua vida’. Ela está radiante!

- O problema - disse ela - é que nunca poderei andar com isto!

Então a vendedora explica-lhe:

- Sabe, minha senhora, é que os nossos clientes não necessitam de andar a pé.”

Existem sapatos que não foram feitos para andar... É Natal. Tempo d’Aquele que ofereceu aos homens um Pão - que alimenta; um Amor - feito para amar... e sapatos feitos para caminhar? Ele não falou em sapatos, mas num Caminho. Porque, quando temos a certeza de estar no Caminho certo, somos capazes de caminhar por Ele com qualquer par de sapatos. Ele mesmo disse: “Eu Sou o Caminho”. Um Caminho onde é o coração que anda, mais do que os pés”.¹

Sim, Natal não são compras, presentes, boas acções em self-service de 24h, paz por um instante, ou uma noite especial.

Natal é seguir o Caminho desse Jesus (Salvador), o Deus entre nós (Emanuel): “Ora a multidão que seguira Jesus era tão grande que O apertava de todos os lados” (Mat. 5:24). Esta é a verdadeira experiência desse dia a que chamamos Natal, no qual relembramos o Seu nascimento como Homem. Andar no Seu Caminho, bem perto d’Ele; ser o prolongamento da Missão que O trouxe até nós há 2000 anos - amar, ajudar, ensinar, curar, dar esperança a todos quantos estão buscando socorro no desespero da vida nesta

terra. Trazer quem sofre para esta “multidão que apertava Jesus”...

Jesus nasceu! - mas Ele viveu, morreu e ressuscitou! Ele venceu a morte e o pecado. E Natal é rever esse Caminho deixado por Jesus; decidir e optar diariamente por um andar através d’Ele e com Ele, não por nossas próprias forças humanas (com os nossos sapatos), como o exprimia o profeta Isaías: “Este povo honra-me com palavras, mas o seu coração está longe de Mim” (Isa. 29:13); mas sim por uma entrega do nosso coração à Sua vontade.

Seguir o Caminho deixado por Jesus, calçando os sapatos da Fé, da Entrega, da Confiança, do Respeito pelos outros, da Humildade, do Amor.

Seguir nesse Caminho com sapatos oferecidos como um dom a cada crente, pelo Espírito Santo... feitos para andar! O resultado desse Caminho: “Deus dá a semente ao semeador e o pão para comer, também há de multiplicar a semente das boas acções... e há-de fazer crescer os frutos da vossa bondade. E muitos outros, vendo como vocês procedem hão-de dar graças a Deus” (2 Cor. 9:9-11). Este Natal, e no iniciar de Novo Ano, porque não reflectir sobre este Caminho e os “sapatos” que desejaríamos receber para melhor fazermos a caminhada que é SER CRISTÃO, 365 dias por ano, até Jesus voltar?

O fim deste Caminho: o início da Vida Eterna! 

1. Philippe Zeissig, *Il suffit d'une minute*, (col. *L'avenir du présent*), *Ouverture*, Le Mont-Sur-Lausanne: 1986, p. 123.

Sara Ferreira
Obreira Bíblica da Igreja do Porto



Morte e Ressurreição

– Ó avô, é tão triste morrer! Porque é que há morte?

– Quando Deus criou Adão e Eva, criou-os livres para escolherem. A imortalidade era um dom que eles perderiam se desobedecessem. Quando Satanás lhes disse: «Certamente não morrerás», eles acreditaram nele e pecaram. Perderam a imortalidade. Não podiam transmitir aquilo que não possuíam e assim a morte passou a todos os homens. É por isso que quando morremos voltamos à terra e nos tornamos em pó novamente.

– Que pena, avô!

– Bem, se Cristo não tivesse vindo, a situação humana seria sem esperança porque morreríamos todos eternamente, mas «Deus amou de tal maneira a humanidade que lhe entregou o Seu Filho único, para que todo

aquele que acreditar no Filho de Deus não se perca, mas tenha a vida eterna.»

– Isso quer dizer que se tivermos fé em Jesus seremos imortais?

– Exactamente.

– E quando vamos ser imortais?

– Quando ressuscitarmos. Está bastante generalizada a ideia de que logo que morremos passamos a ser imortais, mas não tem lógica os mortos contactarem com os vivos. Alguns sentir-se-iam muito infelizes se pudessem observar os seus queridos cheios de problemas aqui na Terra. Essa crença, de que se recebe a imortalidade por ocasião da morte, veio do paganismo e levou muitos cristãos a aceitarem o espiritismo. Mas a Bíblia proíbe qualquer tentativa de comunicação com os mortos.

– Avô, é verdade que aparecem na Terra espíritos de pessoas mortas?

– Podem aparecer espíritos, mas não são

das pessoas em questão. Há um episódio narrado na Bíblia em que o rei Saul foi enganado por um demónio que personificou Samuel morto.

– Sim, estou a perceber. Mas afinal quando vai ser a ressurreição?

– Quando Jesus voltar. Ele disse que viria à Terra ressuscitar e julgar os vivos e os mortos. Se o destino dos

homens já estivesse decidido não era necessário que Ele voltasse. A

(A seguir não percas a explicação do avô sobre: "O Fim do Pecado")





Estados Unidos

Uma Adventista Nomeada Embaixatriz dos Estados Unidos em Malta

Kathryn Proffitt, uma Adventista de Phoenix, Arizona, foi nomeada embaixatriz dos Estados Unidos em Malta.



Proffitt, membro activo da Igreja Adventista de Camelback, em Phoenix, é presidente da Call America, uma companhia telefónica internacional, e também directora da ICG Communications, Inc.. Escolhida pela sua longa experiência e forte *background* empresarial, ela será responsável pela articulação dos complexos interesses económicos dos Estados Unidos, bem como por outros assuntos.

A sua nomeação foi anunciada num breve despacho da Casa Branca a 29 de Setembro. Sendo uma enviada extraordinária do presidente, espera apenas confirmação do Senado para assumir os seus poderes. A Casa Branca conta com a confirmação do Senado.

México

Voluntários da ADRA Reagem Perante o Tornado Paulina

Imediatamente após a devastação deixada pelo tornado Paulina na costa sudoeste do México, os voluntários da *Adventist Development and Relief Agency* iniciaram o

fornecimento de alimentos e artigos de primeira necessidade.

A ADRA distribuiu 1000 cestos de alimentos em sete cidades afectadas pelas cheias. "A necessidade maior é de alimentos e água," relata Rafael Garcia Valderrabano, director da ADRA para a União Sul Mexicana. "Embora o povo Mexicano se tenha unido para socorrer aos seus compatriotas, o governo não consegue fazer face a todas as necessidades."

Garcia acha que a reconstrução básica leve pelo menos três meses. A ADRA México continua a fazer levantamentos para encontrar as zonas mais necessitadas.

China

Bem-vindos à Família



O SEU GRANDE DIA: A Igreja Adventista de Hangzhou cresce rapidamente, diz-nos Zhao Jiayao, um dos seus membros. Na foto, 29 homens e mulheres recentemente baptizados.

Rússia

O Governo Russo Confirma O Estatuto da Igreja Adventista

O Governo Russo confirmou que a nova lei proibindo as novas religiões não se aplica à Igreja Adventista do Sétimo Dia.

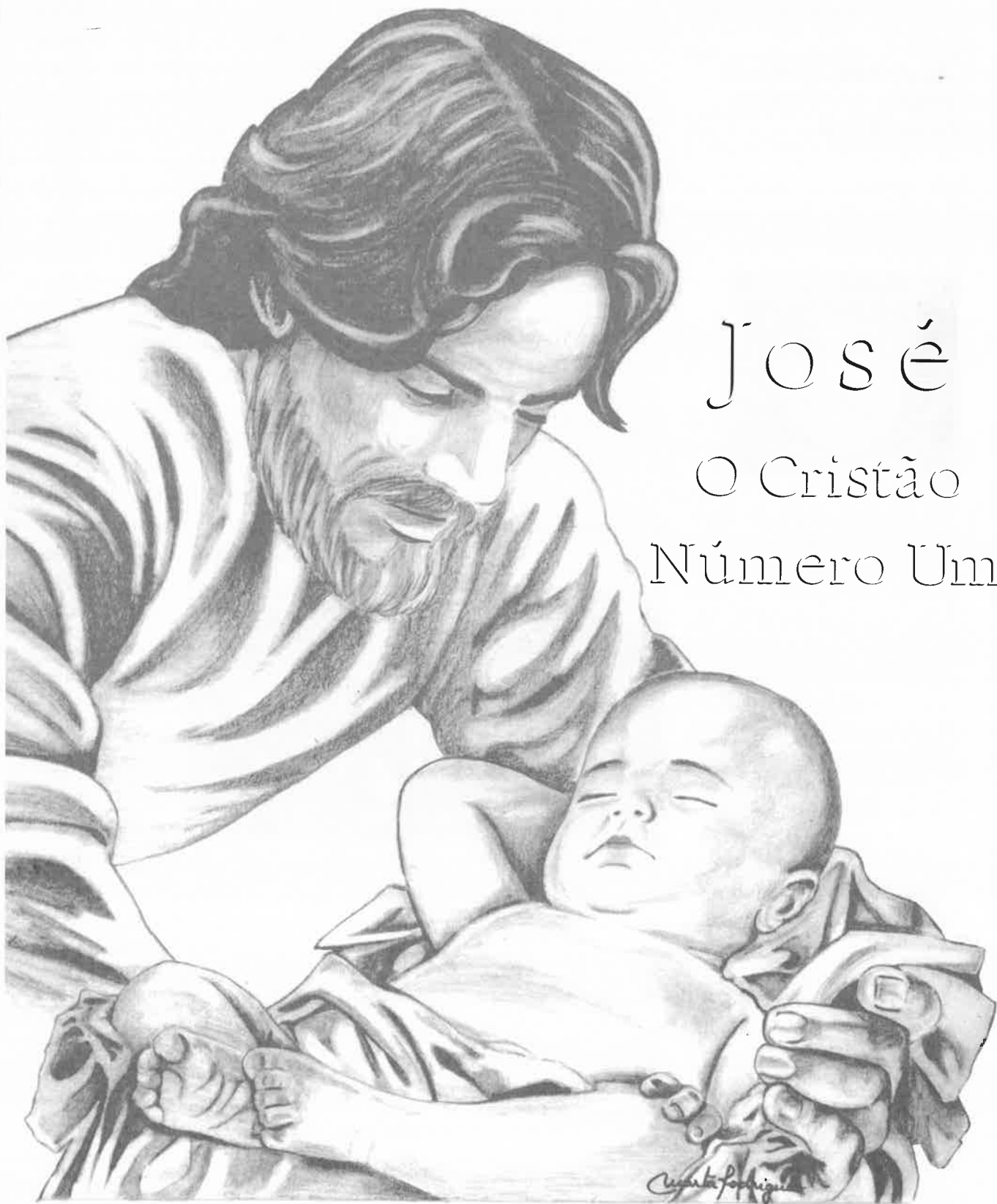
Numa carta à sede da Igreja Adventista, em Moscovo, o Director Deputado do Departamento Russo para os Assuntos das Organizações Públicas e Religiosas confirmou que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma entidade legalmente reconhecida. O Director mencionou que a igreja já opera no território da Federação Russa há 110 anos, um período muito mais longo do que o mínimo de 15 anos requeridos por lei.

Além disso, ele explicou que "de acordo com o artigo 9, a necessidade de prova dos 15 anos de existência de uma entidade religiosa num certo território só se aplica às organizações religiosas que não possam provar que pertencem a uma organização religiosa centralizada." Como a Igreja Adventista tem uma estrutura

altamente organizada, a nova lei não afectará o seu trabalho.

"Consequentemente, não serão tomadas quaisquer medidas discriminatórias para com a Igreja Adventista do Sétimo Dia como parte da adopção da nova lei federal," disse o Director.

"Temos muito prazer em saber que, oficialmente, poderemos continuar a funcionar livremente, a convidar evangelistas estrangeiros, a organizar novas congregações, a começar a trabalhar em novas áreas, e a registarmos-nos como objectores de consciência para o serviço militar," diz Victor Krushenitsky, Director dos Assuntos Públicos e de Liberdade Religiosa da Divisão Euro-Africana.



José
O Cristão
Número Um

James A. Dites
Professor de Inglês e escritor

Na minha infância, a peça de Natal era o equivalente anual da série *O Caminho das Estrelas*. As crianças não só tinham de saber cantar e obedecer às ordens de palco, mas também de ficar completamente imóveis e - o pior de tudo - sérias.

A rapariga mais bonita e talentosa da igreja fazia sempre o papel de Maria, deixando ao resto das meninas o papel de anjos ou de pastores muito bem disfarçados. Os rapazes tentavam ficar com os papéis de cantores do hino *Os Reis do Oriente* ou do pastor número um que dizia: "Vamos, pois, até Belém, e vejamos isso que aconteceu!" Até a parte do estalajadeiro ("Não, já não há lugar!") trazia algum *status*.

O papel sem palavras

O papel que ninguém queria era o de José. Ele tinha de ficar sério durante toda a peça, a olhar amorosamente para o boneco na manjedoura ou dando as boas vindas aos pastores e aos Reis Magos. O papel de José era equiparado ao do pastor N^o 6, que só tinha de ajoelhar junto à manjedoura. José não cantava, não tinha pompa. Apenas olhava solenemente para a manjedoura e dava as boas vindas aos visitantes.

Mas seria a parte de José na história do Natal apenas uma desculpa para deixar o rapaz grandão e calado ter um papel no programa de Natal? Ou estaremos nós a perder alguma coisa? Seria José apenas um carpinteiro bondoso que deu algum apoio e legitimidade à gravidez de Maria, ou será algum símbolo que estamos a passar por alto?

Para compreendermos, realmente, José, temos primeiro de compreender a situação difícil que teve de enfrentar. Sendo um viúvo com filhos, José pediu a Maria, uma jovem sem compromissos, que fosse sua mulher. Ele era um carpinteiro estabelecido e com uma reputação sólida. Ela, por outro lado, parece ter passado despercebida aos outros homens mais jovens e casadoiros.

Talvez tenha sido por caridade que José pediu Maria em casamento; e talvez tenha sido por piedade que ele pensou em divorciar-se dela secretamente, quando soube

que ela estava grávida. Mateus diz-nos que ele "era justo e a não queria infamar" (1:19); mas temos de compreender que José tinha uma reputação a proteger. José, um empresário, um cidadão respeitado em Nazaré, membro da linhagem real de David, tinha tudo a perder com a gravidez prematura de Maria.

Os detalhes que a história de Natal não nos conta incluem as perdas de José: a vergonha por que teve de passar secretamente quando a sua noiva começou a mostrar indícios de gravidez, as indirectas que manchavam a sua reputação em Nazaré, e o prejuízo para a sua carpintaria que o longo exílio no Egipto lhe deve ter custado.

A pergunta que nunca foi feita sobre a parte de José no Advento é: quais foram os benefícios que ele teve da história do Natal além de um papel sem palavras nas milhares de peças sobre a Natividade levadas a cena através dos séculos?

A resposta baseia-se na decisão de José. Mateus diz-nos que um anjo apareceu, num sonho, a José, tranquilizando-o sobre o bebé de Maria e dando-lhe a responsabilidade de lhe dar o nome de Jesus, o que significa "o Senhor salva". E José creu.

Isso mesmo. Em vez de se entregar à vergonha, José creu. Ele acreditou que a criança que crescia dentro de Maria, a criança que por tradição ele deveria ter renegado publicamente, era filha de Deus. Ele creu que essa criança, que ele tomaria nos seus braços, um dia ia "salvar o seu povo dos seus pecados". Acreditou que essa criança era Emanuel, "Deus connosco". Por tudo isso, José abdicou de muito.

Antes de João Baptista ou dos discípulos André e João, estava José. Muitos meses antes do bebé Cristo nascer, ele tornou-se o primeiro Cristão. Foi ele o primeiro a passar o teste de fé de João 3:16 - o primeiro a crer n'Ele e o primeiro a sacrificar-se por Jesus.

Este ano, ao vermos José passar silenciosamente pela peça de Natal, lembremo-nos da decisão que ele teve de tomar antes do primeiro Advento e do presente caro que colocou junto à manjedoura. Lembremo-nos que ele foi o primeiro a crer.

▲

O Grande Conflito

ELLEN G. WHITE

Saiu uma nova edição de «O Grande Conflito»

Ao longo deste livro existe passado, presente e futuro. O passado ajuda a perceber o que de estranho está a acontecer na actualidade e a aceitar como de realização inevitável as profecias do futuro.

Sim, nas páginas de «O Grande Conflito», encontrará as respostas para as suas inúmeras dúvidas sobre o desfecho da História do Mundo. Mas encontrará algo melhor ainda: a certeza de que Alguém com um poder infinito conduz todas as coisas e nos proporcionará, em breve, a paz que tanto ansiamos. **Leia-o antes que o Conflito acabe.**



Encomende já os seus livros na Sociedade Missionária ou directamente à

Publicadora Atlântico, S.A.

Rua N.ª. S.ª da Piedade

Sabugo

2715 Almargem do Bispo

Tel.: (01) 962 62 00

